

## CRISTO, PÃO DA VIDA (JO 6,1-71)<sup>1</sup>

*Profa. Ms. Tânia Maria Couto Maia\**

**Resumo:** No capítulo sexto do Evangelho de São João, Jesus se apresenta como “Pão da Vida”. Tal afirmação é feita pelo Mestre logo após a multiplicação dos pães e dos peixes. Jesus, então, afirma que Ele é o verdadeiro pão que vem do céu e que só pode ter a vida eterna quem comer de sua carne e beber de seu sangue. Esse discurso se configura como uma antecipação da instituição da Sagrada Eucaristia.

**Palavras-chave:** Pão da Vida; Alimento do Céu; Eucaristia.

**Abstract:** In the chapter six of the Gospel according to Saint John, Jesus presents himself as “Bread of Life”. Such affirmation is made by the Master right away after the multiplication of breads and fishes. Jesus, so, affirms that He is the true bread who comes from heaven and that has the eternal life only who eats his flesh and drinks his blood. This speech figures an anticipation of the institution of the Sacred Eucharist.

**Keyword:** Bread of Life; Meat of Heaven; Eucharist.

### Introdução

O texto que constitui o capítulo sexto do Evangelho de São João (Jo 6,1-71) tematicamente apresenta a revelação pessoal de Jesus como “Pão da Vida”. Nele Jesus se apresenta como “O Pão descido do céu” (6,48), abrindo-se, assim, para o “mistério da sua presença”<sup>2</sup>. Um dos aspectos mais importantes abordado neste texto é o contato **pessoal** e **permanente** de Jesus com o crente por meio do “Pão da Vida” (Jo 6,56-57). Esta revelação está orientada para ser acolhida em uma atitude de fé, para poder assim participar de sua própria vida<sup>3</sup>. Está em consonância com o objetivo do Quarto Evangelho, que é conduzir à fé em Jesus, como

---

<sup>1</sup> Este artigo “Cristo, Pão da Vida” foi escrito para ser apresentado no II Congresso Eucarístico de Teresina, em 24/09/2010. Ele é um comentário exegético-teológico ao capítulo sexto do Evangelho segundo São João.

<sup>2</sup> Cf. CHARPENTIER, E., *Para Ler o Novo Testamento*, São Paulo: Loyola, 1992, p. 96-97.

<sup>3</sup> O Crer se qualifica como ato que nos coloca em relação imediata com a pessoa de Jesus e com o seu mistério. Fé é abertura para o sentido das coisas.

*“Revelador” - o Enviado do Pai, Aquele que desceu do céu, o Verbo que se fez Carne (cf. Jo 3,13. 16-17; 1,14).*

## **1. O Capítulo sexto em seu conjunto**

Este capítulo se desenvolve de uma forma consequente, através dos *sinais* e dos discursos narrados. Começa narrando o *signal* da multiplicação dos pães e dos peixes, para uma multidão que busca a Jesus por ter visto *os sinais* que ele fazia com os doentes (6,1-15). Em seguida, apresenta outro *signal*, este só para os discípulos: Jesus caminha sobre as águas do lago da Galileia (6,16-21). Os que se saciaram saem novamente à procura de Jesus (6,22-24) e no dia seguinte o alcançam ainda na beira do lago (6,25). Jesus, sabendo que eles o procuram porque comeram pão abundantemente, os aconselha a se esforçarem em conseguir outro alimento, que durasse a vida toda (6,27). A multidão, ligada mais nos dons do que no doador, torna-se incapaz de reconhecer nele *o Enviado do Pai*. E ele não pode consentir em ficar nisso...

Jesus, então, oferece um *pão* maravilhoso, melhor do que o comido no dia anterior (6,26-27). Ao ouvir falar de um alimento maravilhoso, lembraram do pão que os israelitas comeram no deserto, dado por Moisés, o “maná”, que eles diziam ser o *pão do céu*. E se perguntavam: Jesus seria capaz de superar esse milagre? (6,30-31).

Jesus responde dizendo que o pão dado por Moisés, que os pais comeram, não dava a imortalidade. *“Quem dá o verdadeiro pão do céu é meu Pai, e esse pão dá vida ao mundo”* (6,32-33). O povo lhe diz: *“Senhor, dá-nos sempre desse pão”* (6,34). Jesus impôs uma condição para comer o pão: que acreditassem que ele tinha descido do céu. Mais do que uma condição, disse: *“Eu Sou o Pão da Vida. Quem vem a mim não terá mais fome, e quem acredita em mim nunca mais terá sede”* (6,35).

Se Jesus é o Pão da Vida, e o Pão da Vida que vem do céu, isto significa que Jesus desceu do Céu (6,32-35). A reação a esta confissão foi de zombaria e descrédito. Como acreditar se todos conheciam seus pais e sabiam ser ele o filho de José? *“Esse Jesus não é o filho de José?... Nós conhecemos o pai e a mãe dele. Como é que ele diz que desceu do céu?”* (6,42).

Agora, com ênfase na qualidade do pão, Jesus repetiu o que havia dito: *“Eu Sou o Pão vivo que desceu do céu. Quem come deste pão viverá para sempre”*. E acrescentou algo ainda mais forte: *“E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo”* (6,51). A essas palavras os judeus reagiram ainda com maior intensidade, suscitando uma forte discussão: como esse homem pode dar sua carne para ser comida? (v.52). Mas Jesus

insistiu de forma taxativa: “*Eu garanto a vocês: se vocês não comem a carne do Filho do Homem e não bebem o seu sangue, não terão a vida em vocês. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida*” (6,53-55). Estas palavras de Jesus deixaram todos escandalizados. Eram muito difíceis de serem aceitas e, muitos o deixaram.

Até os discípulos acharam-nas muito duras. Jesus não tentou abrandá-las e disse-lhes: “*Vocês também não querem ir?*”. Simão Pedro tomou a palavra em nome dos Doze e disse: “*A quem iremos Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Agora, nós acreditamos e sabemos que tu és o Santo de Deus*” (6,67-69). Jesus acentua o valor dessa profissão de fé, como graça de Deus e, ao mesmo tempo, lembra a precariedade de todo compromisso humano, pois as pessoas mudam de ideia: um deles foi infiel. “*Não escolhi vocês Doze? Contudo um de vocês é um demônio* (6,70-71)<sup>4</sup>.

Este capítulo sexto do Evangelho de João, relatado de forma muito simples, é muito mais complicado do que parece<sup>5</sup>. Se o estilo é simples e claro, a abundância de símbolos e as alusões ao Antigo Testamento põem certa dificuldade<sup>6</sup>. Resumindo-o, muitos detalhes e muitas coisas importantes foram omitidos para que as ideias centrais ficassem bem claras<sup>7</sup>. No Quarto Evangelho toda atividade de Jesus no mundo é considerada sinal da presença de Deus, isto é, revelação de Deus em Jesus; este é motivo de o evangelista usar o termo *semei/on* (sinal), pois se refere às ações de Jesus que têm caráter de revelação, manifestadas mediante um fato<sup>8</sup>. Ao narrá-los o evangelista faz com que os gestos mais singelos tornem-se portadores das realidades essenciais e do destino definitivo, pois considera o valor simbólico e didático dos fatos que

---

<sup>4</sup>Esta designação de demônio responde à teologia do evangelista sobre a traição de Judas que já estava enraizada na tradição. Jesus tinha conhecimento acerca do traidor: 6,64; aquele que o trairia: 12,4; 13,2. 11; 18,2. 5; 21,20 cf. 13,2. 27.

<sup>5</sup>SICRE, J. L., *O Quadrante*, São Paulo: Paulinas, 2000, p. 156-168.

<sup>6</sup>“Explicar um texto é e sempre foi dizer o que ele não diz e que se tira em grande parte de si mesmo” (Cf. BEAUCHAMP, P., *Criação e separação*, citado por MARCHADOUR, A., in *A Eucaristia na Bíblia*, São Paulo: Paulinas, 1985, p. 71).

<sup>7</sup>O Evangelho de João exige que seja lido em vários níveis. À primeira leitura a impressão é que ele fala de coisas muito simples. Depois se constata que sua aparente simplicidade reveste a profundidade de suas ideias. E, em uma última leitura, fica evidente que se trata de temas e reflexões altamente elaborados teologicamente. Quanto mais se lê, mais convicção se tem de sua profundidade.

<sup>8</sup>Os Sinais – semeia – são setas que apontam para a identidade de Jesus. A personalidade oculta do revelador aparece, revela-se através de ações concretas que o evangelista chama *sinais* (semeia). Faz parte da pregação de Jesus. E cada Sinal vai precisar dos discursos: palavra que vai explicar para onde leva este Sinal. E a palavra é interpretada pelo sinal. Existe, portanto, uma relação especial, única, entre o *sinal* e a *palavra*. O *sinal* e a *palavra* constituem a própria figura do sacramento que presencializa a salvação.

narra<sup>9</sup> (cf. 6,14. 26). Ele quer expor na Fé uma dimensão divina que está além do fato.

Portanto, vamos reler esse capítulo sabendo que é impossível apresentá-lo com todos os detalhes, mas procurando uma melhor compreensão com a ajuda de um esquema literário<sup>10</sup>, mostrando como as diversas unidades literárias que formam o referido capítulo estão unificadas por um fio condutor, sob o prisma do Pão da Vida.

6,1-21	6,22-71
Sinais	Discursos/Diálogos em Cafarnaum
6,1-15: O sinal da multiplicação dos pães do outro lado do lago; 6,16-21: O sinal da volta de Jesus para Cafarnaum, caminhando sobre o lago.	6,22-25: Preliminares do discurso; 6,26-59: Os discursos sobre o “Pão da Vida” (vv. 26-48) e o “Pão vivo” (49-59); 6,60-71: reações de incredulidade e de fé.

## 2. O sinal da multiplicação dos pães: Jo 6,1-15

A narrativa da multiplicação dos pães situa Jesus, retirando-se a um monte, cercado por seus discípulos, sentando-se no meio deles, com a intenção de ministrar-lhes um ensinamento (6,3). O monte, de modo geral, é o lugar onde se revela a presença de Deus. Em relação ao êxodo, pensa-se naturalmente no lugar por excelência em que Moisés realizou a experiência da presença de YHWH. O tempo - a proximidade da festa da páscoa - evoca de um lado o êxodo do Egito, e de outro, a “Páscoa” da morte de Jesus. O rito pascal constituía, na época de Jesus, o memorial que resumia todas as esperanças relacionadas com os acontecimentos fundadores do êxodo. A festa é comemoração da saída de Israel do Egito, quando Deus alimentou o povo no deserto<sup>11</sup>. Porém Jesus não vai a Jerusalém para a festa<sup>12</sup>.

---

9 Os primeiros cristãos, depois da Ressurreição, certamente utilizaram o simbolismo pascal para esclarecer a morte e a ressurreição de Jesus, bem como a celebração da Ceia (cf. em Ex 12,10. 46° o Cordeiro Pascal e o destino de seus ossos). O simbolismo do Evangelho é o dos próprios fatos: a realização das figuras do Antigo Testamento.

<sup>10</sup> Há diversos critérios de divisão do discurso (temáticos, geográficos, formais, de extratos pré-existentes, da integração das fontes, etc.), portanto, a divisão mesma de suas partes depende dos critérios que se utilizam. Aqui, visando o objetivo deste texto, sigo mais o critério geográfico-temático guiado pelos critérios formais (o que precede a Cafarnaum e o que se sucede nela).

<sup>11</sup> Alguns exegetas são de opinião que o discurso sobre o Pão da Vida tenha referências ao Êxodo e ao episódio do maná, podendo ter-se-ia originado de um *midrash* a respeito do maná.

<sup>12</sup> O caráter profundamente judaico da parte discursiva faz pensar que se trata de material longamente curtido na pregação joanina, certamente no contexto da Eucaristia. Talvez João quisesse apresentar a

Jesus, que acabara de passar para a outra margem do lago da Galileia (Tiberíades), “**ao erguer os olhos**” vê a multidão e toma a iniciativa de resolver o problema de sua alimentação. Faz uma pergunta didática: De onde vamos adquirir pão para que toda gente possa comer? “De onde”... sempre evoca uma origem misteriosa, aquilo que vem do alto, de Deus (cf. 2,9: de onde procedia o vinho?; 3,8: não sabes de onde vem...). Humanamente falando não há “de onde” conseguir alimento para tanta gente.

Um dos discípulos, André, viu um menino que tem para sua provisão cinco pães de cevada e dois peixinhos. Os pães de cevada lembram o profeta Eliseu (2 Rs 4,42-44). Filipe destaca a desproporção entre estes míseros alimentos visados e a multidão. Jesus manda os discípulos acomodarem os cinco mil homens. Então **toma os pães, dá graças e os distribui** aos que estão sentados. Faz a mesma coisa com os peixes. Não só a multidão come até ficar satisfeita, como também, com as sobras, ainda se enchem doze cestos. Em contraste com a insignificância dos meios, resplandece a superabundância dos dons. Este excesso de alimento faz com que o povo reconheça em Jesus o *profeta* que devia vir ao mundo (Jo 6,14 cf. Dt 18,18) e, tomados de entusiasmo pela impressão produzida, querem fazê-lo rei. Mas ele foge sozinho para o monte e fica lá a noite toda, perto de Deus. A menção à grande quantidade de ervas indica o começo da primavera (6,10), tempo de fartura e gratuidade, que os profetas representam como sinal dos tempos messiânicos<sup>13</sup>.

## 2.1 As perspectivas cristológica e eucarística de Jo 6,1-15

No relato da multiplicação dos pães aparecem, de forma peculiar, as dimensões cristológica e eucarística: em sua característica de sinal evoca a dimensão cristológica de Jesus como profeta<sup>14</sup>, inclusive como “Pão da Vida”; além disso, no modo como o sinal é narrado, transparece

---

alternativa cristã para rememorar as tradições da Páscoa e do Êxodo. Também é possível ver aqui o esquema teológico de João que consiste em substituir as instituições judaicas por Jesus (cf. 2,6; 2,18-21...).

<sup>13</sup> Is 55,1-11

<sup>14</sup> A orientação cristológica está respaldada pela contínua evocação dos personagens do Antigo Testamento: Moisés e Eliseu; Jesus está em linha de continuidade com eles, como o profeta escatológico (6,14), ao mesmo tempo, que supera os dois. CABA, J., *Cristo, Pan da Vida*, Madrid: BAC, 1993, p. 558.

a dimensão eucarística<sup>15</sup> de outro Pão de Vida, o “Pão Vivo”, que se promete já aqui e também se estende ao futuro. Essa convergência mostra com clareza a existência de uma tradição fortemente enraizada, já desde o princípio; vê esse fato, por uma parte, como iluminador da figura de Jesus; por outra parte, como antecipação da Eucaristia, instituída por Jesus e intimamente vivida pela primitiva comunidade cristã<sup>16</sup>. O Evangelista João não narra a Instituição da Eucaristia; mas a comunidade joanina é, ao lado de Paulo (1Cor 11,23-25), uma grande testemunha da Eucaristia na Igreja primitiva<sup>17</sup>. E isto se deve ao capítulo seis que tem como pano de fundo, nos seus sinais e discursos, a celebração eucarística. Sob este ponto de vista, o evangelista, neste relato, reveste da maior importância o agir de Jesus, ao destacar seu caráter hierático e solene: **ergueu os olhos (6,5), tomou os pães (6,11)<sup>18</sup>, deu graças (6,11)<sup>19</sup>, distribuiu-os (6,11)<sup>20</sup>**. Posto em paralelo com o texto de Lc 22,19 pode-se perceber sua dimensão eucarística: **Tomou o pão, deu graças, o partiu e o deu.**

Ecos da liturgia eucarística podem ainda ser vistos ao mandar acomodar os que iriam comer o pão: todos sentados, nada de comer às pressas, nem pão ázimo, como no deserto; ordena que se recolham os pedaços que sobraram para não desperdiçar nada (6,12)<sup>21</sup>. Estes gestos e esta terminologia fazem pensar na “fração do pão” sob a ação de graças, característica da comunidade cristã dos primeiros tempos - refeição ao mesmo tempo fraterna e messiânica -, e no decorrer do capítulo, ficará claro que o que se celebra é a Eucaristia cristã. Ele vê no gesto de Jesus **dar graças e distribuir o pão** e no cuidado de Jesus **para que nada se perca** uma antecipação da ceia. João faz do sinal da multiplicação dos

---

<sup>15</sup> A orientação eucarística está fortemente sublinhada pelas circunstâncias mesmas do relato, por seus gestos, e pela descrição da multidão como comensais da comida que ele oferece. CABA, J., *Cristo, Pan de la Vida*, Madrid: BAC, 1993, p. 558.

<sup>16</sup> CABA, J., *Cristo, Pan da Vida*, Madrid: BAC, 1993, p. 558.

<sup>17</sup> Os exegetas concordam em ver nos escritos evangélicos a marca das comunidades dos fiéis, de sua fé, de suas práticas. A realidade do texto não consiste apenas no tempo de Jesus, em suas palavras, em suas ações: consiste no tempo da Igreja (cf. VV. AA., *A Eucaristia na Bíblia*, São Paulo: Paulinas, 1985, p. 72).

<sup>18</sup> Tomou (ἐλάβεν) os pães (6,11<sup>a</sup>). O verbo λαμβάνω se encontra em todos os relatos da multiplicação dos pães nos quatro Evangelhos.

<sup>19</sup> Deu graças (6,11<sup>b</sup>). O termo usado por João é *eucaristhsaj* diferente do verbo usado no primeiro relato sinótico da multiplicação dos pães que é *eulogew*. Vale destacar que o uso deste verbo eucaristew está repetido no v. 23: “... perto do lugar onde Jesus dera graças e eles tinham comido o pão”, donde se conclui que seu uso indicaria uma interpretação eucarística da multiplicação dos pães.

<sup>20</sup> Distribuiu *diedwken* (6,11<sup>c</sup>).

<sup>21</sup> Cf. Ex 12,10. 46<sup>c</sup>: O Cordeiro Pascal e o destino de seus restos que deverão ser queimados.

pães, cuja iniciativa é de Jesus, um banquete oferecido pelo Messias<sup>22</sup>. A data próxima à páscoa e a grande quantidade de relva verde remetem à abundância dos tempos messiânicos<sup>23</sup>. Em sentido simbólico a alusão à Páscoa encerra um conteúdo temático: está intimamente ligado ao Pão da Vida que se oferecerá como alimento do novo povo, oferta de Jesus a essa multidão em busca de sinais e necessitada de descobrir a verdadeira fé. João quer salientar esta ligação entre os gestos de Jesus e a vida que ele traz ao mundo: o Pão da Vida que não só mata a fome, mas dá a vida eterna, a luz da vida que não somente cura a cegueira, mas traz a iluminação a quem seguir a Jesus, pois ele é “a luz do mundo” (8,12); a Ressurreição, que além de restituir a vida a quem está morto e sepultado, dá a vida eterna (11,25-26). Esta dupla orientação cristológica e eucarística está antecipando o fundamento do duplo sentido do *Pão da Vida* que estará presente no discurso de Cafarnaum. A narrativa da multiplicação dos pães com valor de sinal contém o simbolismo inicial dos dois sentidos do Pão da Vida<sup>24</sup>.

## 2.2 O Sinal da caminhada sobre as águas: 6,16-21

Os discípulos aguardam Jesus à beira do lago da Galileia; como ele não aparece, entram no barco e, sozinhos, iniciam a travessia rumo a Cafarnaum. Quando as ondas se agitam pelo vento, sentem medo, pois se encontram envoltos em uma obscuridade que aumenta (vv. 16-17). É noite. O evangelista quer significar o que resulta da ausência de Jesus. De repente eles enxergam alguém andando sobre as ondas. Ficam assustados. O mesmo temor que experimentaram na ausência do mestre está presente na revelação que Jesus faz de si mesmo ao caminhar sobre as águas (v. 19) e ao dar-se a conhecer: “Não tenham medo, **Eu Sou**” (v. 20)<sup>25</sup>. O termo “**Eu Sou**” (evgw, eivmi) evoca a atmosfera da Teofania<sup>26</sup>. Com muita alegria os discípulos o acolhem no barco que, de modo

---

<sup>22</sup> O banquete messiânico era um dos fatos que anunciava a vinda do Messias (cf. Jo 2,1-11).

<sup>23</sup> Cf. O sinal de Caná (2, 1-11); os campos cheios de trigo (4,35).

<sup>24</sup> SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio Segun San Juan*, v. II, O discurso de revelação sobre o Pão do céu comporta uma tensão entre uma significação simbólica e pessoal e uma aplicação eucarística. O sentido do simbolismo de recolher os restos para que nada se perca aparece no v. 39: “*A vontade do Pai é que eu não perca nenhum dos que me confiou...*” (cf. 17,12; 18,9).

<sup>25</sup> Este segundo medo tem outra motivação: A presença divina em Jesus.

<sup>26</sup> Mesmo se o primeiro sentido é identificar a pessoa de Jesus, é inevitável a associação com o nome de Deus revelado a Moisés: *Aquele que com sua presença, acompanha o seu povo* (יהוה אלהינו).

surpreendente, alcança logo a outra margem para onde iam com tanta dificuldade<sup>27</sup>.

Os discípulos fazem a experiência de que, se acreditou, Deus está aí com eles para salvá-los pelo poder de sua Palavra. O que caracteriza o ponto central do sinal é uma verdadeira epifania de Jesus. O poder de Deus se faz presente em Jesus ao dominar as forças adversas do mar. Este *sinal*, testemunhado apenas pelos discípulos, quer prepará-los para aceitar na fé a mensagem sobre o Pão da Vida que Jesus pronunciará na sinagoga de Cafarnaum (6, 26-59). Referido sinal tem caráter de revelação e predis põe a escutar o ensinamento que se lhes seguirá sobre a fé. Os sinais no Quarto Evangelho querem chamar a atenção para a pessoa de Jesus, para sua obra - que são ações nas quais ele revela sua identidade divina: “Eu Sou” (evgw, eivmi). O “Eu Sou” (evgw, eivmi) de Jesus na epifania do lago iluminará a revelação que Jesus fará de si mesmo ao identificar-se com o Pão da Vida (vv. 35. 48. 58), e aos discípulos nos momentos difíceis quando terão que excluir todo temor para confessar com Pedro: “Tu tens palavras de vida eterna. És o Santo de Deus” (vv. 68-69). É clara, pois, a mútua relação que mantém entre si o sinal do caminhar sobre as águas e o discurso de Cafarnaum. O maná que os israelitas comeram no deserto e a passagem pelo mar estão intimamente unidos à evocação de sua primeira páscoa; a multiplicação dos pães e o caminhar de Jesus sobre as águas estão intimamente unidos a outra páscoa, que está próxima (v. 4), em que se propôs primeiro, e depois se instituiria, outro Pão da Vida. Este sinal prepara, então, o ato de fé.

### **3. Discursos em Cafarnaum: 6,22-71 (22-25; 26-48; 49-59; 60-71)**

#### **3.1 Preliminares do discurso: 6,22-25**

Ao começar o diálogo com a nota temporal “no dia seguinte” sinaliza sua função de conectar o que virá com o que sucedeu no dia anterior. Reconta os dois relatos dos sinais feitos por Jesus, resumindo as cenas precedentes: da multiplicação dos pães “Perto do lugar onde o

---

<sup>27</sup> O capítulo 6 tem fortes semelhanças com os dois milagres dos pães em Mc 6 e 8 e até com a reelaboração de Mc por Mt. Com Lc que ele une a confissão de fé de Pedro e dos Doze ao primeiro sinal do pão, prescindindo do segundo. Ora, os traços sinóticos e a hipótese de inserção tardia não significam que a matéria do cap. 6 seja mais recente que o resto do Evangelho. No cap. 5 Jesus está em Jerusalém, mas no cap. 6 ele se encontra à beira do lago da Galiléia. A terminologia “ver os Sinais” já nos põe de sobreaviso: aponta para uma fé superficial (cf. 2,23-24; 4,45. 48). O discurso do capítulo 5,15-47 dá uma idéia inicial do conflito entre a fé em Jesus e os judeus e o cap. 6 é um exemplo de como esse conflito vai se aprofundar. Como as narrativas de Jo 2-4 também esta, deve ser lida em primeira instância como uma iniciação, uma catequese para os que não entendem o significado profundo dos sinais, o sentido simbólico do sinal operado por Jesus. Porém a discussão ultrapassa o nível de iniciação até o nível da opção e da confissão de fé (6,60-71).



**Senhor dera graças** (euvcaristh,santoj tou/ kuri,ou v. 23b)<sup>28</sup>e eles tinham **comido o pão**” (e;fagon to.n a;rton v. 23), e ao “caminhar de Jesus sobre as águas” referindo-se à necessidade de fazer a travessia do lago para se chegar a Cafarnaum (v. 24). Esta síntese mostra a visão interpretativa do evangelista, cuja força recai na orientação eucarística que se faz da multiplicação dos pães: O uso do verbo **comer** (v. 23b), o fato de se mencionar **o pão** no singular e não os pães, a multidão chamar a Jesus de “**Senhor**” e a ação de **dar graças**. A atitude da busca de Jesus que tem a multidão ao voltar a Cafarnaum e o termo “Rabi” preparam para o ensinamento que se seguirá evidenciando, assim, que esta síntese só adquire seu pleno sentido quando projetada ao discurso do Pão da vida. A pergunta da multidão a Jesus sobre sua chegada ao outro lado do lago (v. 25) cria espaços para continuar o diálogo<sup>29</sup>.

### 3.2 O sentido cristológico do “Pão da Vida”: 6,26-48

Preparado pelos sinais que o antecederam, o discurso sobre o Pão da Vida surge naturalmente. Nele Jesus aprofunda o sentido do “sinal do pão”, respondendo à multidão com esta solene confirmação: “Amém, Amém, eu vos digo” (avmh.n avmh.n le,gw u` mi/n)<sup>30</sup> indicando, assim, o sentido de revelação que dará ao seu ensinamento. Jesus denuncia que eles o procuram, porque saciaram a fome com o pão generosamente distribuído (6,11) e não porque viram o *signal* do dom que ele é; sinal do dom que ele traz. Não perceberam que Jesus Ihes oferecera uma ocasião de vê-lo como o enviado divino, como a manifestação da presença de Deus nele. Então Jesus Ihes ensina a se esforçarem por um alimento (brw/sin, v. 27)<sup>31</sup> que dura a vida toda e que o *Filho do Homem*<sup>32</sup> Ihes dará, pois ele leva o selo de autenticidade conferido por Deus. O sinal do Pão é

---

<sup>28</sup> Cf. O termo Senhor se repetirá ao longo do discurso no v. 34: “Senhor dá-nos sempre deste pão” e no v. 68: Senhor, a quem iremos?

<sup>29</sup> É uma característica redacional do evangelista, apresentar o conteúdo da mensagem por meio de diálogo entre Jesus e os ouvintes.

<sup>30</sup> Fórmula reveladora de Jesus no Quarto Evangelho que voltará a aparecer nos vv. 32. 47. 53 todas as vezes que Jesus acrescentar um novo aprofundamento à revelação já iniciada (cf. CABA, op. cit. p. 578).

<sup>31</sup> Frente à caducidade dos pães com os quais se fartaram Jesus Ihes propõe um alimento novo.

<sup>32</sup> Para o quarto evangelista o título de ‘*Filho do Homem*’ parece implicar uma revelação reservada ao próprio Jesus, como se tratasse de um mistério do qual somente ele tivesse conhecimento. Esta expressão só aparece na boca de Jesus. É geralmente relacionada ao livro de Daniel (Dn 7,13), e parece designar um personagem celeste, estreitamente associado ao poder divino investido de realeza sobre o conjunto da humanidade. O *Filho do Homem* indica a origem celeste de Jesus e a necessidade de sua exaltação: 3,14; 12,34. Somente quando o *Filho do Homem* for exaltado e glorificado se pode conhecer realmente quem ele é. Só então o *Filho do Homem* dará o alimento para a vida eterna e dará sua carne e seu sangue que é preciso comer para ter Vida Eterna. A subida do Filho do Homem só se pode ver com a fé – fica oculta para o mundo. A carne não possui força vivificante divina.

a garantia dessa autoridade que ele recebe do Pai, pois veio de junto de Deus para **suscitar um ato de fé que seja ele próprio fonte de vida**, apaziguando assim todas as formas de fome e de sede espirituais (v. 35). Eles perguntam o que devem fazer para agradecer a Deus<sup>33</sup>. Jesus responde que a obra<sup>34</sup> de Deus é que acreditem naquele que Ele enviou. A Fé no Filho que o Pai enviou e que fala as palavras de Deus é a condição para se atingir a Vida Eterna. Então pedem um sinal que autentique sua autoridade: *Que sinal fazes tu? Nossos pais comeram o maná*<sup>35</sup>. Jesus tenta mostrar a diferença entre o que eles têm em mente e o dom que ele oferece: “Moisés não deu o pão do céu; quem vos dá o verdadeiro *Pão do céu* é meu Pai” (v. 32). Na primeira de suas autopromoções simbólicas Jesus revela: “**Eu Sou** o pão da vida!” (evgw, eivmi o` a;rtoj th/j zwh/j v. 35)<sup>36</sup>. “Eu vos disse: vós me vistes, mas não credes!” (6,36)<sup>37</sup>. Jesus não nega sua humanidade nem sua ascendência celeste (v. 41-42); simplesmente se contenta em repetir que chegar a ele, ter fé nele como *Filho do Homem* enviado do céu é impossível sem uma autêntica iluminação divina (v. 44). O acesso a Jesus, o Pão da Vida, só é possível pela mediação da fé<sup>38</sup>. O crer em Jesus é dom, gratuita atração de Deus.

---

<sup>33</sup> No Evangelho de João os discursos sempre começam a partir de uma incompreensão por parte dos interlocutores de Jesus, através de um pedido de esclarecimento sobre o que Jesus havia dito. Faz parte de sua metodologia. A incompreensão revela o nível da fé de quem não entende o que Jesus fala.

<sup>34</sup> A obra de Deus, sua atividade criadora, suas intervenções a favor do povo. Jesus situa sua ação na linha da ação de Deus. As obras de Jesus constituem um mistério cuja profundidade permanece oculta para aqueles que não crêem. Obra são os sinais operados por Jesus e este termo somente é usado por Jesus. O termo obra substitui sinal, pois nos faz penetrar mais profundamente no mistério da revelação. Jesus só usa o termo sinal duas vezes e em sentido negativo (4,48 e 6,26).

<sup>35</sup> O maná, outrora, foi no máximo uma prefiguração. Agora, no presente, meu Pai dá o verdadeiro Pão do céu que só se aceita na fé (6,29). A Fé no Filho que o Pai enviou e que fala as palavras de Deus é a condição para se atingir a Vida Eterna.

<sup>36</sup> Quem conhece a Bíblia reconhece aqui textos em que pão e bebida simbolizam o ensinamento e a sabedoria de Deus, por ex: Is 55,1-3. A literatura sapiencial associa comer e beber com a instrução da Sabedoria (Pr 9,5; Sr 15,3; 24,21). Os vv. 35-50 constituem uma leitura sapiencial do sinal do pão e da missão de Jesus, que é este pão em pessoa. As autopromoções são como se o Cristo ressuscitado estivesse a falar. No v. 45 aparece claramente que o dom que vem do céu em Jesus é o ensinamento de Deus que ele nos dá a conhecer.

<sup>37</sup> Este texto se inscreve na dialética do ver e crer segundo o Quarto Evangelho (1,50; 2,11; 2,23-25; 4,43. 45; 6,30; 9,36-38; 11,45; 12,11; 20,8. 25). No v. 40 a vontade do Pai é definida como segue: “que qualquer um que vê o Filho e nele crer tenha a vida eterna”. O ver significa aqui ter genuína experiência de Jesus. Vida eterna deveria ser traduzida como “vida do *eon*”, ou seja, da era vindoura, eterna. Não se trata de um prolongamento eterno, infinito, da vida temporal, mas de uma vida que pertence a outro âmbito, ao século vindouro em oposição a este mundo, que com a vinda de Cristo já começou a ruir (13,31; 16,33). A repetição insistente “eu o ressuscitarei no último dia”, nos v. 39. 40. 44. 54 identifica esse dom da vida, da era eterna com aquilo que na apocalíptica é representado pela ressurreição no “último dia”, o dia do juízo, (cf. Dn 12,1-3 e Jo 5,28-29).

<sup>38</sup> A fé em João é dinâmica e evolutiva. Na fé existem vários estágios que podem ser sintetizados em três. O primeiro, o mais baixo, é o estágio da fé que se fundamenta nos milagres (cf. Jo 6,2. 26. 30).

Quem escuta Deus e dele aprende vai a Jesus (v. 45). A fé se refere a algo que não se pode saber de outra maneira, a não ser recebendo-o e nele acreditando. Só se pode experimentar o amor de Deus unicamente por sua Palavra, portanto, só no modo da fé. Quando acontece essa graça – a saber, na comunidade cristã - realiza-se a palavra da Escritura: *todos se tornarão discípulos de Deus*. (cf. Is 54,13; Jr 31,33-34; Ez 36,26-27).

Se as palavras de Jesus forem corretamente captadas, então o povo, em vez de rejeitá-lo o verá como PÃO DO CÉU, aquele que dá sua carne para a vida do mundo, e eles o receberão e crerão nele, provarão a vida eterna e imediatamente desfrutarão da promessa de que ele os ressuscitará no último dia<sup>39</sup>. Não é possível alimentar-se de Cristo sem se alimentar das palavras de Jesus, porque crer realmente em Cristo não pode estar separado de realmente crer nas palavras de Jesus. Os seres humanos vivem de cada palavra que sai da boca de Deus (Dt 8,3). Esta citação do livro do Deuterônimo está no contexto do alimento do maná, quando o povo sentiu fome. O que sai da boca de Deus é a sua **Palavra**. A vida dos israelitas como povo depende, sem dúvida, do alimento natural, mas muito mais da **Palavra de seu Deus**. O tema da Palavra de Deus que se assimila, que se “come” através da fé é bem conhecido: “Quando as tuas palavras foram encontradas, eu as comi; elas são a minha alegria e o meu júbilo” (Jr 15,16; cf. também: cf. Ez 3,1; Sb 16,26; Ex 2,8-3,3; Ap 10,9ss)<sup>40</sup>; na mesma linha Agostinho<sup>41</sup>: “Comer o pão vivo, de fato, significa, crer n’Ele. Quem crê, come, de modo invisível é saciado, como de modo invisível, do mesmo modo, renasce”.

Afirmiação idêntica é agora feita para as palavras de Jesus, precisamente porque ele é a palavra encarnada (1,1-18; cf. 5,19-30): **Palavra-Pão**. A palavra de Deus só se tornou compreensível quando o próprio Deus se fez homem (1,14). **Palavra de Deus**, em sentido estrito, é **só a autocomunicação de Deus**. **A Palavra é Jesus**. **A Palavra é o pão**. O pão da sabedoria que Deus dá no ensinamento de Jesus e que gera a fé. Acreditar que Jesus é a vida, que ele é aquele que nos faz sentir vivos neste mundo e que nos dará uma vida sem fim depois da morte<sup>42</sup> é sentir-

---

Se não virem sinais e prodígios não acreditarão. O segundo estágio é o estágio da fé que se fundamenta na palavra de Jesus e nos milagres (o filho do funcionário); o terceiro estágio é o momento da fé que só se fundamenta na palavra de Jesus, sem qualquer tipo de milagres: “*Felizes os que acreditam sem ter visto*”. Para João a fé é que dá o verdadeiro conhecimento: quando se crê é que se sabe com certeza (6,69).

<sup>39</sup>No Quarto evangelho é o conhecimento de Deus e de Jesus que constitui a vida eterna (cf. 17,3).

<sup>40</sup>CARSON, D. A., *O Comentário de João*, São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 298-300.

<sup>41</sup>SANTO AGOSTINHO, *Comentário ao Evangelho de João*, In 1º Evang. Tr. 26,1.

<sup>42</sup>JOSÉ LUÍS SICRE, *O Quadrante*, São Paulo: Paulinas, 2000, p. 156.

se integrados na mesma relação do Pai ao Filho, no amor de Deus ao seu próprio Filho. A fé em Jesus significa, portanto, saber-se amado por Deus, estar em comunhão com Ele (v. 46). *Amém, amém, quem crer tem a vida eterna. Eu sou o Pão da Vida* (v. 47-48) conclui esta meditação sapiencial sobre a palavra e a obra de Jesus como Pão da Vida. Sem dúvida o evangelista deixa bem claro que seu pensamento nos vv. 26-48 se centra na missão que Jesus recebeu do Pai e na união recíproca entre Cristo e o crente. O homem só pode ter vida eterna aproximando-se de Jesus e tendo uma vida de união com ele; e o que suscita o desejo de se estar com Cristo é a sua Palavra.

### 3.3 O sentido eucarístico do “Pão da Vida” (6, 49-59)

O tema do maná, que já havia sido apresentado anteriormente pelos judeus, com a característica de *pão que desceu do céu* (v. 31), entra em cena novamente (v. 49). Naquele contexto foi acentuado o contraste com o **verdadeiro** *pão do céu*, cujo doador foi o Pai e não Moisés (vv. 32-33) e os que comeram o maná no deserto morreram. Agora é Jesus quem o retoma com novos matizes. “*Este é o pão, o que desceu do céu, para que quem o comer não morra*” (v. 50). Nesta nova autopromoção de Jesus se destaca, além do efeito que produz a imortalidade, a universalidade do alcance do efeito: “**Eu sou** o *pão vivo que desceu do céu; quem comer deste pão viverá para sempre*”. Aqui não se menciona o doador; de modo que se prepara a menção de outro doador deste pão: Jesus mesmo referindo-se à Encarnação (v. 51). *O pão que eu dou é a minha carne para a vida do mundo*. Jesus não é apenas aquele que encarna o dom sapiencial, o “pão da vida”, como ensinamento vital de Deus (v. 26-48). **Ele mesmo é o Pão ao vivo**. Ele vive o dom de Deus. O dom da vida. Ele dá a vida em si mesmo. Vida nova que se vive com ele. Ele explicita que é o **pão vivo**, porque dá sua própria carne, termo que não deixa a menor dúvida sobre o caráter material e histórico dessa vida que é o dom de Deus e a autodoação do Filho (v. 51<sup>c</sup>). Jesus não transmite meramente uma vida no sentido de ensinamento; ele põe em jogo seu existir carnal para ser o dom de Deus que nos ensina a verdadeira vida e a dá também. Para o cristão a vida eterna é sempre mediada por Jesus. Agora não se trata apenas do pão da sabedoria que o Pai dá, por meio do ensinamento de Jesus, mas do Pão que Jesus dá: sua carne, a vida humana da qual ele vai se despojar para que o mundo tenha vida: “*O pão que eu darei é **minha carne para a vida do mundo***”. Apresenta-se como dom prometido para o futuro em alusão à

Eucaristia (cf. Lc 22,19; Mc 14,22)<sup>43</sup>. Esse dom da própria vida é o que se comemora na refeição eucarística da comunidade; isso é lembrado, sobretudo, pelo termo “*minha carne para a vida do mundo*”.

No v. 54 João usa, no lugar de comer, um termo muito concreto *trw,gw* que se traduz por mastigar: “*Quem mastiga minha carne e bebe meu sangue tem vida eterna*”. Por que ele usa esse termo? O cristão instruído, para o qual se dirige este evangelho, percebe que se trata da fração do pão sob ação de graças. Ele entende, porque participa da comunidade reunida para a refeição de Jesus, que doa sua vida humana, sua carne, e derrama sua força vital, seu sangue na cruz. A refeição da comunidade faz participar do modo de viver de Jesus, que ela significa e provoca (cf. 12,24). O evangelista reproduz aqui com leves diferenças a fórmula eucarística “*Meu Corpo para vós*” (1 Cor 11,24; Lc 22,19), e lembrada também nos anúncios da Paixão: “para dar sua vida em resgate para muitos” (Mc 10,45). Se eles não comem (fagei/n) a carne, isto é, não recebem na fé, a existência humana, e bebem o sangue, o dom da vida do Filho do Homem, eles não têm vida em si, estão mortos.

“Minha carne é verdadeiro alimento”... (v. 55) Esse “verdadeiro” deve ser interpretado no sentido joanino: a práxis humana de Jesus e seu sangue derramados são alimento e bebida verdadeiros, portadores da “graça e da verdade”, do amor fiel de Deus. Também o termo mastigar evoca a participação e o vínculo com a comunidade celebrante: tem comunhão com Cristo (v. 56 cf. 17,23). Essa comunhão do Pai para o Filho e do Filho para os seus, é muito semelhante à comunicação do amor descrita no texto da Videira em 15,9-17: *Como o Pai me amou, eu vos amei; permaneci no meu amor [...] ninguém tem maior amor do que aquele que aquele que dá a vida por seus amigos [...]*. A fala de Jesus termina, no v. 58, num eco dos vv. 48-51: “*Este é o pão que desceu do céu. Não é como aquele que vossos pais comeram e, no entanto, morreram. Quem come este pão viverá para a eternidade*”.

O texto de 6,26-48 em uma perspectiva sapiencial põe em relevo o sentido cristológico: Jesus mesmo é o verdadeiro *Pão da vida* descido do céu, que dá vida ao mundo (vv. 33-35); o pão significando sua revelação a respeito do Pai, pois ninguém tinha visto o Pai (v. 46). Agora o sentido eucarístico (vv. 51-58) **focaliza o seu ato central, o dom de sua vida**

---

<sup>43</sup> Mostra está sob o influxo da tradição eucarística: “E deu o pão”.

(carne e sangue) na cruz: Jesus mesmo é o Pão Vivo. Sua carne é verdadeira comida e seu sangue é verdadeira bebida (vv. 55-56). Exatamente no momento da cruz será mais do que nunca a mensagem do Pai. A releitura nos vv. 51-58 quer situar o sentido de *Jesus - Pão da Vida*, na realidade do rito eucarístico. O alimento do pão eucarístico é o ponto de referência da comunidade: o que Jesus propõe, dizendo que é o Pão da Vida, ela o celebra quando se alimenta com o pão eucarístico. O dom do pão é símbolo de Jesus, dom de Deus por excelência, até na doação do próprio corpo e sangue, celebrado na refeição eucarística da comunidade.

#### **4. Reações de incredulidade e de fé: 6,60-71**

A diversidade de resposta ante a revelação de Jesus por seus sinais e palavras se expressa no final (v. 59), no conflito com os judeus na sinagoga em Cafarnaum: um *Filho do Homem* que se serve da cruz para subir ao céu. Muitos de seus discípulos, também, ao escutá-lo, disseram: *Dura é esta palavra... Quem poderá escutá-la?* (Jo 6,60).

Para escutar a palavra é pré-requisito a adesão da fé. O espírito contraposto à carne evoca a capacidade de receber as palavras de JESUS como fonte de vida (6,63). Sem uma passagem para o nível espiritual, é impossível acolher a revelação do "Pão da vida", isto é, o mistério do amor divino... O espírito vem de Deus. Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois Ihe deu o Espírito sem medidas (3,34). Compreender Jesus é obra do Espírito de Deus. As palavras de Jesus são espírito (realidade de Deus) e vida (dom de Deus). A palavra de Jesus é uma espada de dois gumes, que opera um corte radical entre a fé e a incredulidade. João quer advertir os discípulos a permanecer na fé. Judas: exemplo da desistência! Os doze constituem o grupo que pronuncia a decisiva confissão de fé. Acolhendo essa confissão de fé, Jesus lembra a precariedade de todo compromisso humano: ele elegeu doze, mas um deles o traiu. O discurso de Jesus em Cafarnaum e a profissão de fé de Pedro em nome dos Doze representam o ponto mais alto da manifestação de Jesus e adesão mais firme dos seus na Galileia.

#### **Conclusão**

Nas comunidades sinóticas se celebrava a memória do que Jesus fez antes de morrer, a lembrança de sua generosidade, de sua entrega até a morte, da qual ele voltará um dia. Memória que nos obriga a ser como Jesus, que anima e dá esperança.

Assim é que, na iminência de deixar corporalmente os seus, Jesus optou por manter um modo de presença fundado no alimento. Deus não

assume mais uma figura humana; ele se torna pão. Para viver, o homem deve comer; para viver cristãmente, o crente também deve comer. Deus escolhe assim o símbolo que melhor exprime a profunda intimidade e o efeito da relação que une Deus e o homem. Ele não havia procurado outra coisa assumindo figura ou tornando-se um escrito; tornando-se alimento, assume a maneira mais universal que é a necessidade de comer para viver. Eis, pois, que Aquele que do alto do céu deu o maná aos hebreus no deserto, este mesmo Deus se dá em Jesus, sob as espécies do pão e do vinho: a presença torna-se "dom"<sup>44</sup>.

O que se celebra nas comunidades joaninas é o dom da vida do Cordeiro Imolado. Celebrar a ação de graças é muito mais que uma lembrança do que Jesus fez e de que ele voltará. Significa nos alimentarmos da vida eterna que ele tem. O Pão que é realmente o Corpo de Jesus e o vinho, seu Sangue, é alimento que desceu do céu e que podemos comê-lo. Isto é dom de Deus e precisamos escutá-lo. Foi difícil aceitar a idéia eucarística da comunidade joanina: Jesus, alimento que dá Vida. E essa Palavra, que um dia tomou forma humana, já glorificada, se encerra no pão eucarístico e em forma de alimento nos comunica sua vida<sup>45</sup>.

Este capítulo, sem dúvida, nos ajuda a alimentar a nossa devoção eucarística, se nós não tentarmos enclausurar nela os dons de Deus, e a partir deles, instituir para nós uma religião terrena como fizeram os judeus com o maná. A carne de Cristo põe-nos em presença da exigência radical da encarnação: reconhecer nela o dom do Pai e o esplendor do Espírito acolhendo o mistério do Verbo que se fez carne com suas conseqüências<sup>46</sup>. Devemos seguir a Cristo que, vindo em nossa carne, nos leva aos cumes duma união que ultrapassa o mundo presente, na condição, porém, de não nos fechar nisso, procurando sempre, como Pedro, renovar a inteligência da fé no mistério eucarístico: *A quem iremos? Só tu tens palavra de vida eterna!*

---

<sup>44</sup> LÉON-DUFOUR, X., *O Partir do Pão Eucarístico segundo o Novo Testamento.*, São Paulo, Loyola, 1984, p. 12.

<sup>45</sup> LÉON-DUFOUR, X., *Op. cit.* p. 31.

<sup>46</sup> LAPLACE, J., *Da Luz ao Amor*, São Paulo, Loyola, 1990, p. 107-109.

## **Bibliografia**

- BARRET, C. K., *El Evangelio Segun San Juan*. Madrid: Cristiandad, 2003.
- CABA, J., *Cristo, Pan da Vida*. Madrid: BAC, 1993.
- CARSON, D. A., *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 305.
- CHARPENTIER, E., *Para Ler o Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 81-103.
- JEREMIAS, Joaquim, *Isto é o meu corpo*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 5.
- LAPLACE, J., *Da Luz ao Amor*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 107-109.
- LÉON-DUFOUR, X., *O Partir do Pão Eucarístico segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1984.
- SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio Segun San Juan*. Barcelona: Herder, 1980.
- SCHÖKEL, Alonso, *Meditações Bíblicas sobre a Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 28-31.
- SICRE, José Luís, *O Quadrante*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 156.

*\*Profa. Ms. Tânia Maria Couto Maia*

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica – RJ  
Professora da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF